

Territórios faxinalenses em Pinhão - PR: Uma análise a partir das Transformações e resistências

Reginaldo de Lima Correia 

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – União da Vitória, Paraná, Brasil.
e-mail: limcorreia@gmail.com

Adilar Antonio Cigolini 

Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Curitiba, Paraná, Brasil.
e-mail: adilar@ufpr.br

Resumo

Os territórios de faxinais fazem parte de uma construção histórica e geográfica do estado do Paraná. Neles, seus povos desenvolveram um modo de vida relacionado à floresta com araucária e seu entorno, com laços de solidariedade, através do uso comunitário da terra. Porém, esse modo de vida e de organização social passou por intensas transformações, que provocaram uma série de conflitos e questionaram sua manutenção. Nesse contexto, a presente pesquisa teve por objetivo analisar as transformações e as resistências desses territórios, usando como referência os casos dos Faxinais dos Ribeiros e Faxinal São Roquinho, no município de Pinhão-PR. A análise foi feita com base no pensamento de Jean Gottman, que propõe uma interpretação territorial a partir das circulações e das iconografias. Esses conceitos foram aplicados à luz das informações obtidas por procedimentos qualitativos de levantamento de informações, notadamente, entrevistas qualitativas, narrativas e trabalhos de campo. O resultado aponta para a permanência desses territórios com novos padrões espaciais, com o redimensionamento das práticas e estratégias dos povos de faxinais.

Palavras-chave: Conflitos; faxinais; território.

Faxinalenses territories in Pinhão - PR: An analysis from the Transformations and resistances

Abstract

The faxinais territories are part of a historical and geographical construction of the state of Paraná. In them, its people developed a way of life related to the Araucaria forest and its surroundings, with ties of solidarity, through the community use of the land. However, this way of life and social organization underwent intense transformations, which caused a series of conflicts and questioned its maintenance. In this context, the present research aimed to analyze the transformations and resistances of these territories, using as a reference the cases of Faxinais dos Ribeiros and Faxinal São Roquinho, in the municipality of Pinhão-PR. The analysis was carried out based on the thought of Jean Gottman, who proposes a territorial interpretation based on circulations and iconographies. These concepts were applied in the light of information obtained by qualitative procedures for gathering information, notably, qualitative interviews, narratives and fieldwork. The result points to the



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

permanence of these territories with new spatial patterns and with the resizing of practices and strategies of the peoples of faxinais.

Keywords: Conflicts; Faxinais; territory.

Territorios faxinalenses en Pinhão - PR: Un análisis desde las Transformaciones y resistencias

Resumen

Los territorios faxinais forman parte de una construcción histórica y geográfica del estado de Paraná. En ellos, el pueblo de faxinais desarrolló un modo de vida relacionado con la selva de Araucaria y su entorno, con lazos de solidaridad, a través del uso comunitario de la tierra. Sin embargo, esta forma de vida y organización social sufrió intensas transformaciones, que provocaron una serie de conflictos y cuestionaron su mantenimiento. En ese contexto, la presente investigación tuvo como objetivo analizar las transformaciones y resistencias de estos territorios, utilizando como referencia los casos de Faxinais dos Ribeiros y Faxinal São Roquinho, en el municipio de Pinhão-PR. El análisis se realizó tomando como referencia el pensamiento de Jean Gottman, quien propone una interpretación territorial a partir de circulaciones e iconografías. Estos conceptos fueron aplicados a la luz de la información obtenida por procedimientos cualitativos de recolección de información, en particular, entrevistas cualitativas, narrativas y trabajo de campo. El resultado apunta a la permanencia de estos territorios con nuevos patrones espaciales y con el redimensionamiento de prácticas y estrategias de los pueblos de faxinais.

Palabras-clave: Conflictos; faxinais; territorio.

Introdução

A pesquisa apresentada parte da hipótese central de que os territórios dos povos de faxinais são dinâmicos e, por isso, (re)criam novos territórios e territorialidades, ou seja, novas geografias. Desse modo, não estão fadados à extinção, mas a novos padrões territoriais, redimensionando os antigos territórios, muitas vezes, em outros de uso comunitário menores, mas mantendo os princípios básicos que caracterizam um Faxinal.

A escolha por denominar os faxinalenses como povos de faxinais encontra-se pautada no debate sobre o reconhecimento da legitimidade do seu modo de vida e do seu território, ou seja, a existência dos povos de faxinais enquanto grupo social portador de uma identidade, além de abarcar um número maior de sujeitos que, na realidade de Pinhão, sobrepõem-se - faxinalenses, posseiros, colonos, sem-terra. (SAHR, 2008; NETO, 2009).

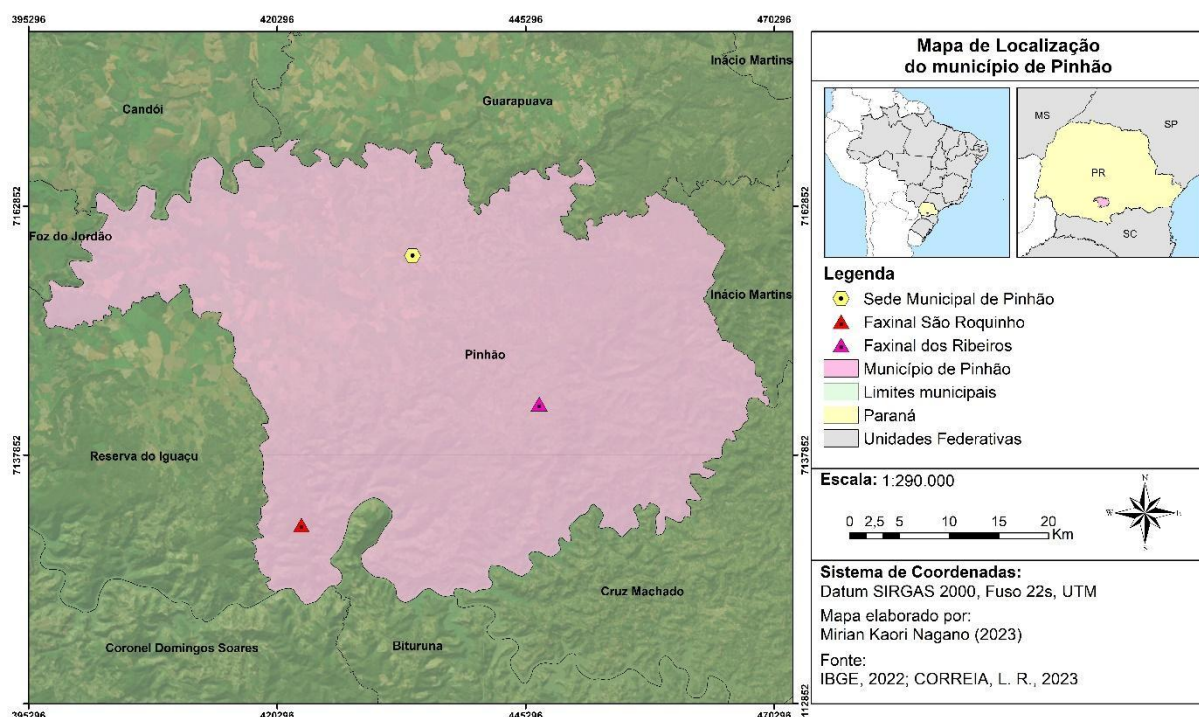
Isso posto, como estudo de caso, com vistas a elucidar tal hipótese, serão analisados os casos do Faxinal dos Ribeiros e do Faxinal São Roquinho, situados no município de Pinhão-PR (Figura 1). Localizado na Mesorregião Centro-Sul do Paraná, o Município de Pinhão tem uma população estimada de 30208 habitantes, dos quais 15317 vivem na cidade (50,70%) e 14891 na área rural (49,30%). A economia do município baseia-se nas atividades agrícolas, com destaque para a produção de grãos (soja, milho,

trigo e cevada), na pecuária, no extrativismo da erva-mate e nos serviços, com destaque para os serviços públicos (IPARDES, 2023).

A Região Centro-Sul do Paraná, que tinha imensas reservas florestais, passou a ser área de intensa exploração madeireira a partir da década de 1940, consolidando as desigualdades, a concentração de renda, a degradação ambiental e inúmeros conflitos, principalmente, pela desapropriação de povos que viviam de forma tradicional. Nesse contexto, a palavra 'tradicional' refere-se a realidades sociais modernas (e até pós-modernas), não se associando às concepções de imobilidade histórica e atraso econômico (SAHR, 2008). Assim, as tradições ao longo do texto são entendidas a partir da tradicionalidade que evoca movimento, adaptações e transformações para resistir aos diferentes processos desintegradores. Ela é marcada por uma lógica própria, organizada de forma diferenciada daquela utilizada pela sociedade envolvente e age como continuidade, uma vez que a tradição precisa ser flexível o suficiente para responder às modificações ocorridas, estabelecendo vínculos entre o passado e o presente (PORTO, 1998).

Nesse cenário, o desenvolvimento deste estudo justifica-se, pois compreender a realidade dos territórios dos povos de faxinais e suas transformações é um tema relevante no contexto atual e, portanto, merece reflexões de cunho geográfico.

Figura 1: Localização dos Faxinais.



Fonte: IBGE (2022).
Elaboração: NAGANO (2023).

Além disso, os conflitos por terra e território levaram os povos de Pinhão, que viviam como posseiros, a se organizarem politicamente, por meio do Movimento de Posseiros, a fim de resistir na luta pelas suas terras. Em 2004, mediante a Rede Faxinal, e em 2005, a Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, os povos de faxinais constituíram movimento próprio, que tem sido grande instrumento de luta e reconhecimento de seus territórios. Toda essa organização deu-se por meio do resgate das iconografias faxinalenses, presentes no modo de vida, nos saberes (sobre os ciclos da lua, a periodicidade das chuvas, da direção dos ventos, das plantas cultivadas e da floresta, do cuidado com os animais, do uso da terra), fazeres (do manejo florestal, da agricultura, da vida cotidiana), nas práticas religiosas populares e na própria identidade faxinalense.

O texto está organizado em quatro partes. Na primeira, explicitam-se os procedimentos metodológicos adotados para interpretar os conflitos, as transformações e as resistências, bem como as formas de coleta de informações. Em seguida, apresentam-se os conflitos existentes em relação aos Faxinais em Pinhão-PR e, posteriormente, na terceira parte, são particularizados nos dois estudos de caso, analisando-os individualmente. Na quarta parte, a análise territorial proposta é aplicada, com a identificação das circulações e iconografias dos Faxinais e suas implicações na mudança desses territórios.

Procedimentos metodológicos

Como método interpretativo da realidade, a pesquisa é guiada pelo entendimento do território como *conflito* imanente aos processos de formação territorial. A leitura do território, desse modo, caracteriza os faxinais selecionados e apresenta os conflitos e como se constrói uma série de resistências coletivas a partir deles, por meio das iconografias faxinalenses.

A leitura territorial é feita através daquilo que o geógrafo Jean Gottmann (1915-1994) denominou de Iconografias e Circulações. Para Boulineau (2008), a grande contribuição de Gottmann é, em primeiro lugar, a leitura do espaço geográfico de acordo com uma dialética entre o movimento de divisão espacial e o da circulação. Essa divisão em unidades diferenciadas e a busca pela estabilidade organiza politicamente os espaços, combinando permanências e mudanças.

Assim, Gottmann (1975) defende a teoria que tem a circulação (algo externo) como um fator de mudança territorial e a iconografia como sistema de resistência interno dos territórios. Nessa concepção, a iconografia identifica o caráter distintivo e individualizante, que permite reconhecer uma comunidade e diferenciá-la de outra, cujo território é produto que se manifesta nas tradições locais e na variedade de paisagens culturais e econômicas.

Dessa forma, a iconografia expressa-se nos hábitos, modos de vida e tradições que podem ser conservadas por gerações. Salieta-se que não são imóveis, mas dinâmicas, gerando diferentes estratificações (MUSCARÁ, 2008). As iconografias geram processos de resistência perante mudanças excessivas, que não somente agem na identidade, reforçando a coesão interna, mas protegem a comunidade também no plano territorial.

Um território, ao se sentir ameaçado, pode evocar as suas iconografias a fim de se proteger de mudanças exteriores (MUSCARÁ, 2008; SAQUET, 2013), uma vez que essa constitui a “âncora” comum da comunidade no território. Assim, nos casos em que os territórios passam por tensões em relação à manutenção da cultura e da identidade, as iconografias são fragilizadas. Muscará (2008) lembra que ela exprime a qualidade das relações no interior de um território e forma a noção de uma vida em comum, cria um conjunto de interesses, de hábitos e de crenças definidas por símbolos (religiosos, políticos e sociais), inerentes a determinados grupos sociais, gerando estabilidade e resistência.

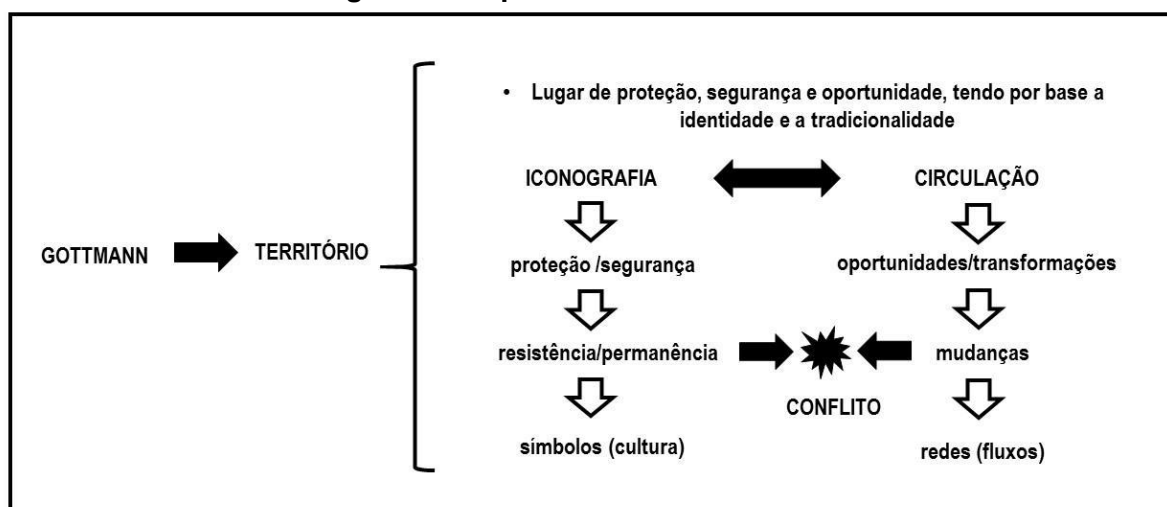
Todavia, se a iconografia é um fator unificante de certa comunidade, para compreendê-la, é necessário considerar como ela interage com a circulação (externo) que, para Gottmann, aparece como o motor da mudança, ou seja, a circulação tende à abertura dos territórios. Nesse sentido, a circulação é criadora de mudanças na ordem estabelecida, agindo nas diferentes dimensões. Por exemplo, na ordem política e cultural, ela move pessoas, ideias; na ordem econômica, significa deslocamento de mercadorias, técnicas, capitais e mercados. A circulação e a iconografia não estão sempre em oposição, mas geram diferentes conflitos que, para Gottmann (1975), têm moldado a organização política do espaço.

Concorda-se com Cigolini e Silva (2018) que é possível aplicar esses conceitos a comunidades tradicionais como as de faxinais, já que esses buscam reconhecimento de um modo de vida próprio, traduzido por meio de uma identidade e territorialidades, que são fundamentais para manutenção da sua cultura e de seus projetos sobre aquele espaço. Os faxinais não são isolados, pois sempre estiveram ligados a processos econômicos dominantes (erva-mate, porqueadas, madeira), e, ao mesmo tempo, margeando as grandes propriedades. Por isso, é possível inserir a concepção de circulação como fator transformador (mudanças) desses territórios, o que, na maioria das vezes, choca-se com iconografias, isto é, o conjunto de tradições daquele grupo, gerando conflitos e resistências.

Assim, a proposta para uma análise territorial dos faxinais de Pinhão (Figura 2) a partir dos conceitos de iconografia e circulação permite entender como essas relações acontecem, gerando transformações e resistências, evocadas por meio das iconografias do modo tradicional de se viver, dos laços de solidariedade e da religiosidade popular. Portanto, busca-se por meio desta proposta teórico-metodológica evidenciar que os territórios faxinalenses não são estáticos. Os processos relacionados à circulação levam à tensão

permanente entre a abertura e o fechamento territorial, uma vez que é necessária sua abertura a novas atividades, e, ao mesmo tempo, que se feche para outras.

Figura 2: Proposta de Análise Territorial.



Organização: Os autores (2022).

Dentro desta proposta teórico-metodológica, foi necessário buscar como os povos de faxinais evocam suas iconografias a fim de resistirem. Para isso, utilizaram-se métodos qualitativos de pesquisa, como trabalhos de campo, com anotações em diário de campo, observações, entrevistas semiestruturadas e entrevistas narrativas. A pesquisa qualitativa tem como foco de estudo os processos vivenciados pelos sujeitos e é construída a partir do seu quadro referencial, cabendo ao pesquisador decifrar seu significado, não apenas descrever os comportamentos (QUEIROZ et al, 2007). Tem-se, dessa forma, a problemática do tema como eixo norteador, pois é através da formulação do problema e da base empírica que será fomentada a busca de um corpo teórico, que deve orientar e contextualizar o objeto de estudo no tempo e no espaço (PESSÔA, 2012).

Foram realizadas 22 entrevistas no período de janeiro de 2017 a julho de 2019, com diferentes faxinalenses, de diferentes idades e gêneros, ligados ou não ao movimento social. As entrevistas partiram sempre das questões de conflito e como têm reagido a esses processos. Assim, as diferentes formas de resistência e ameaças foram extraídas das entrevistas e narrativas para evidenciar os processos vividos e identificar as circulações e as iconografias presentes no território dos povos de faxinais.

Territórios faxinalenses em Pinhão: Conflitos e resistências

A área do atual município de Pinhão é habitada por povos que se organizam em Sistema Faxinal há séculos, mas, com a chegada das madeireiras, principalmente da Indústria João José Zattar, houve um aumento de conflitos pela posse dessas terras. Com a

medição e documentação das terras em seu nome, na década de 1970, essa empresa passou a vender algumas áreas para “gente de fora”, principalmente gaúchos. O próprio Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA¹ reconhece que as áreas documentadas pela madeira eram e são ocupadas por posseiros de longa data e que, historicamente, cobram uma solução.

Desse modo, a ação da madeireira impactou diretamente a vida dos povos de faxinais, que foram impedidos de realizarem suas atividades tradicionais. Consequentemente, os conflitos aumentaram, chegando a confrontos diretos com jagunços, ameaças, assassinatos, queimas de casas e paióis, matanças de animais, emboscadas, prisões arbitrárias, visto que a polícia agia em conjunto com os jagunços. Esses fatos levaram à organização do Movimento de Posseiros de Pinhão e da AFATRUP - Associação das Famílias de Trabalhadores Rurais de Pinhão, por padres vinculados à Pastoral da Terra, lideranças locais e militantes do Partido dos Trabalhadores - PT, resultando na retomada das terras pelos povos de faxinais e posseiros e a diminuição dos conflitos.

Todavia, no ano de 2008, iniciou-se um novo processo de entrada de madeireiros/garimpeiros e de ocupações do MST – Movimento dos Sem Terra - nas áreas documentadas em nome da madeireira João José Zattar. Esses processos levaram novamente ao aumento dos conflitos, não mais só com a madeireira, mas dos povos de faxinais e os novos sujeitos, que vieram de outras regiões do estado, trazendo consigo uma lógica diferente, seja na produção, na cultura ou na relação com o ambiente, e não se adaptaram ao Sistema Faxinal.

Os povos de faxinais relatam que as disputas dão-se, principalmente, na natureza jurídica dos espaços reivindicados por cada grupo, seja faxinalense, garimpeiros de madeira ou sem-terra. A ideia presente entre os membros do MST ainda é de assentamentos com lotes individuais, para famílias individuais, enquanto, para os faxinalenses, o reconhecimento de seus territórios deve ocorrer levando em consideração suas territorialidades. Já os garimpeiros de madeira querem apenas extrair as madeiras consideradas de lei (pinheiros e imbuais) das áreas, depois vendem as terras por preços inferiores ao valor das terras na região, principalmente para sítiantes de fora do Município de Pinhão, que derrubam o restante da floresta e implantam monocultivos, sobretudo de soja.

A seguir, procura-se particularizar, através dos casos dos Faxinais dos Ribeiros e São Roquinho, esses processos de conflitos e resistências.

O Faxinal dos Ribeiros

¹ Walter Nerival Pozzobonr, superintendente do INCRA no Paraná, localizada em Curitiba, durante reunião realizada em 19 dezembro de 2017.

O Faxinal dos Ribeiros, ou Faxinalzinho, está situado a aproximadamente 32 km da sede do município de Pinhão, com estradas de chão, relevo ondulado, engloba uma área de aproximadamente 3800 hectares (aproximadamente 1400 alqueires paulistas), onde vivem em torno de 400 famílias, apresentando características típicas das comunidades faxinalenses tanto na paisagem, quanto na organização social (Figura 3).

Figura 3: Paisagem Faxinal dos Ribeiros.



Fonte: Os autores (2019).

Conforme relatos, as famílias são oriundas dali mesmo, descendentes de indígenas e caboclos, ou vindos de outros estados, como São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e de outros países, como Alemanha, Suíça, Ucrânia e Paraguai. A realidade do Faxinal dos Ribeiros começou a mudar no início dos anos de 1970, conforme relato² a seguir:

Era assim: Tinha o lugar de plantio, lá nas tigueras que também chamam de cultura que é longe. A criação não ia lá onde era plantado. Aqui no faxinal tinha bastante mataria que ninguém morava e, não plantava quase nada, só tinha uma hortinha perto da casa, cercada de ripa pra criação não entrar e, a criação era tudo solta: era porco, vaca, cabrito, carneiro, animal, era de tudo. Quem queria criar, criava a vontade e não importava a quantidade de terra que tinha, se tinha um litro, uns alqueires, todo mundo criava a vontade, tinha bastante gente que não tinha terreno e criava igual. Por que não faz tantos anos que foi dividido os terrenos aqui, pois só tinha uma escritura aqui nos Ribeiros, era tudo comum. Não posso afirmar bem, mas foi em 1973/74 que os agrimensores vieram medir as áreas, daí pediram quem

² Optou-se por manter a linguagem coloquial das entrevistas.

tinha a escritura, mas quase ninguém tinha, então mediram pra quem tinha e o que sobrou era tudo do Zattar. Mas o povo continuou nos terrenos, cada um num pedaço de terra [...] (Faxinalense A, Faxinal dos Ribeiros, entrevista cedida aos autores em janeiro de 2017).

Alguns fatos chamam atenção no relato. As áreas de faxinal, ou seja, de ‘mataria’, com o predomínio da floresta com araucária, eram destinadas à criação de animais à solta e a população estava dispersa no seu interior, num sistema de terras livres, com uso comunitário. Essa população procurava se instalar em lugares com fácil acesso à água. Ali erguiam grandes casas de madeira, lascada dos pinheiros-gigantes (araucárias) ou imbuías, faziam uma pequena horta próxima a casa, onde cultivavam hortaliças, mandioca, abóbora, pepino, amendoim, e plantavam um grande pomar, com variedades de plantas que suportavam os rigorosos invernos.

No sistema de terras livres, muitos faxinalenses permaneceram durante algum tempo num lugar e logo se deslocavam para outro, dentro do próprio faxinal, levando toda a estrutura construída, restando pequenas ruínas e os arvoredos, originando as chamadas taperas, que serviam para indicar a ocupação e a posse da terra. Por isso, é comum a referência a essas marcas presentes na paisagem dentro dos faxinais como forma de legitimar o uso e ocupação do território. Pode-se observar como isso acontecia no relato a seguir:

Desde quando lembro que era criança, a gente morava lá perto da Lagoa, lá nós tinha umas hortinhas perto da casa e, plantava lá no Caxãozinho, que é lá nos paióls. Depois deu a louca no pai e mudamos ali mais pra perto da estrada. As pessoas ficavam mudando as casas no meio do mato, até achar um lugar bom e ali ficar. Daí, ficava os arvoredos e as taperas, por onde as pessoas mudavam. (Faxinalense B, Faxinal dos Ribeiros, entrevista cedida aos autores em setembro de 2017).

Esse movimento dentro dos faxinais era comum, principalmente para aqueles que não possuíam terras, mas que tinham o direito à moradia e de criar seus animais sem nenhum tipo de restrição. Todavia, essa dinâmica de sistema de terras livres e de posse alterou-se com a chegada da madeireira Zattar, que passou a medir os terrenos e documentá-los em seu nome. Como havia predomínio de posses em terras livres, a madeireira não teve dificuldade em documentar as terras dos povos de faxinais, uma vez que a garantia da posse estava no direito costumeiro. Entretanto, esses povos continuaram nas terras, mesmo documentadas juridicamente em nome da madeireira, buscando existir/resistir diante das inúmeras investidas de dominação e expulsão do território. Além disso, surgiram novos elementos:

A mudança mais brusca aqui foi de 1985 pra cá. Depois que mediram os terrenos e o que sobrou ficou que era do Zattar, ela colocou gente pra cuidar

daquelas áreas, os guardas, que eram um pessoal armado, que vinham e queriam espantar quem estava nos terrenos com agressões. Daí o Zattar começou a vender as terras, vendeu pra gente de fora, um pessoal que não era no nosso estilo. Eles vieram para fazer plantio, eles tinham mais recursos e se instalaram e, uns tão entreverado até agora. Uns que vieram do Toledo, diz que passava na televisão das terras daqui, pois lá era mecanizado, por isso era caro, daí venderam lá e compraram bastante terra aqui. Os que vieram com a finalidade de fazer lavoura e criação de vaca de leite se deram muito mal, chegaram e soltaram as vacas nas invernadas, e no forte do inverno a neve e a geada mata tudo, não tinha pasto e as vacas morreram de fome, a mesma coisa com a plantação, a terra aqui é muito ruim para plantar, tem que por muito veneno. Daí, aqueles que não vieram com esse objetivo se deram bem, se adaptaram (Faxinalense A, Faxinal dos Ribeiros, entrevista cedida aos autores em janeiro de 2017).

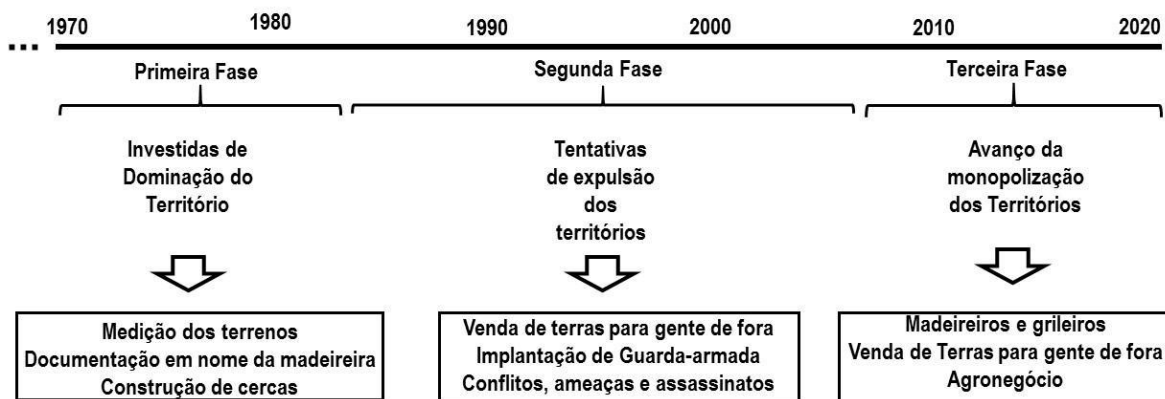
A presença da madeireira levou a uma série de conflitos, principalmente com os jagunços, localmente conhecidos como guardas, que utilizavam da violência física e simbólica para intimidar os moradores, cujos relatos são diversos e dão a dimensão da forma como a madeireira tentava coagir e usurpar suas terras, por meio da força:

[...] uma vez nós táva carpindo. Só estava as crianças em casa, quando chegamos aqui os guarda do Zattar tinham pegado tudo as nossas coisas, e jogado de dentro da casa e colocado num caminhão. Só falaram vão embora daqui pra não acontecer coisa pior. Nós fomos obrigados a embarcar no caminhão. Daí foram e levaram nós lá pro Pinhão e jogaram como se fosse cachorro. Esperamos e no outro dia voltamos novamente, as ameaças só aumentavam [...] (Faxinalense C, Faxinal dos Ribeiros, entrevista cedida aos autores em janeiro de 2019).

Tais atos, praticados pelos guardas em nome da madeireira, são facilmente lembrados nas entrevistas com os povos de faxinais e foram registrados nos trabalhos de Ayob (2010, 2016) e Porto (2013). Todo esse cenário de violência alterou a dinâmica faxinalense: as cercas começaram a surgir por todo os lados, animais que circulavam livremente começaram a ser assassinados, a coleta da erva-mate impedida e, nas terras de plantar, a madeireira começou a soltar cabeças de gado, impedindo o plantio por parte dos moradores.

A Figura 4 corresponde aos conflitos decorrentes desse processo, que culminaram com a falência da madeireira e a invasão das terras documentadas em seu nome por madeireiros, chamados localmente de garimpeiros, que buscam apenas a retirada da madeira de lei, como pinheiros (araucária) e imbuais. Entre eles estão “gente do lugar”, antigos funcionários da madeireira (guardas, jagunços, encarregados de serrarias). Esses, após a retirada da madeira, venderam as terras a baixo custo, por não possuírem documentação, para pessoas de fora. Dessa forma, a exploração das áreas pelos madeireiros ou garimpeiros é a porta de entrada para os “novos moradores” e, conseqüentemente, do agronegócio nos faxinais.

Figura 4: Conflitos no Faxinal dos Ribeiros.



Organização: Os autores (2022).

Essa nova leva de “gente de fora” é, em vários aspectos, diferente da primeira, que chegou na década de 1980, principalmente por possuírem mais recursos financeiros e pela agilidade na derrubada da floresta e substituição por lavouras destinadas à monocultura, em especial, da soja e de batata inglesa. A chegada de “gente de fora” e a dificuldade na geração de renda levaram muitos faxinalenses a migrar para a cidade ou buscar complementação em outras atividades, com destaque para a construção civil.

Todavia, o que se observa no Faxinal dos Ribeiros é que aqueles faxinalenses que, ao longo dos anos, resistiram às investidas da madeireira e permaneceram na terra, não a vendem. No entanto, com a entrada de madeireiros, em 2008, nas áreas até então dominadas pela madeireira Zattar e posterior venda para “gente de fora”, o território do Faxinal dos Ribeiros deixou de ser contínuo, gerando verdadeiros esartejamentos do território (OLESKO, 2013), constituindo, dessa forma, novos padrões territoriais.

Faz-se importante destacar que alguns faxinalenses com mais recursos também passaram a realizar a destoca para substituição da floresta por lavouras. Nesse processo, os primeiros atos são a retirada dos animais, principalmente porcos, das áreas comunitárias, e o cercamento das áreas que lhe pertencem para substituição das atividades.

Ademais, muitas das atividades trazidas pela “gente de fora” passaram a ser incorporadas pelo faxinalense, como a chamada limpeza do terreno. A grande diferença entre as propriedades dos faxinalenses e dos novos habitantes está no fato que, nas faxinalenses, existe certa preocupação na preservação das áreas em torno dos cursos d’água (sangas, nascentes) e os animais são confinados em porções de terras menores, e, embora a criação à solta permaneça, principalmente as graúdas, como vacas e cavalos, é restrita ao grupo familiar ou de vizinhos próximos.

Outros conflitos dão-se com vizinhos, principalmente, após a implantação do Assentamento Quinhão 1G, onde foram assentadas aproximadamente 80 famílias, dentro do Faxinal dos Ribeiros, no fim da década de 1990. Esse assentamento buscou regularizar a situação fundiária de muitos povos de faxinais. Porém, também foram assentados alguns membros de fora da comunidade, gerando uma série de conflitos, principalmente em relação à criação de animais à solta. Muitas dessas pessoas eram posseiros, ou filhos de posseiros, expulsos de suas terras em outras áreas do município, que buscaram desenvolver um modo de vida diferenciado, pautado no cercamento, na implantação de lavouras, conflitando com o modo tradicional, desenvolvido pelos povos de faxinais. Houve também pessoas de fora do município que desconheciam as práticas tradicionais desenvolvidas pelos povos de faxinais e que, ainda hoje, manifestam-se contrárias a essas, aumentando os conflitos.

Outro elemento que tem fragilizado o modo de vida no Faxinal dos Ribeiros é a dificuldade na geração de renda, evidente na grande quantidade de faxinalenses trabalhando na construção civil, principalmente aqueles com propriedades menores. Por isso, entende-se que as resistências faxinalenses passam pelo cotidiano, pelas lutas diárias, mas, sobretudo, pela geração de renda no sistema faxinal.

A partir do momento em que o sistema vai se tornando inviável economicamente, não resta opção a não ser a substituição da prática tradicional da criação à solta, nos criadouros comunitários, por mangueirões familiares, com tamanhos reduzidos, mas que mantêm o princípio básico da criação à solta, e a implantação de lavouras nessas áreas, fato que leva à redução e posterior diminuição dos rebanhos miúdos de porcos, cabritos e carneiros, de mais difícil contenção.

O uso coletivo da terra mantém-se, muitas vezes, com os vizinhos e familiares, mas apenas de criação graúda (vacas e cavalos), de mais fácil contenção e que possuem livre circulação entre as propriedades. Essas alterações ocorrem territorialmente, porém algumas práticas culturais permanecem, como as carneanças, as trocas de serviço entre vizinhos, principalmente na colheita do milho e na vacinação dos animais, os hábitos alimentares, as festas e rezas, os rituais religiosos, os causos e o compadrio.

No Faxinal dos Ribeiros, por exemplo, devido à presença de lavouras em meio ao faxinal, alguns vizinhos e familiares uniram-se e fecharam uma área menor para poderem continuar desenvolvendo a criação de animais à solta:

[...] temos um fechado aí com os vizinhos. Começamos em 80 alqueires, mais alguns quiseram sair. Hoje estamos com 50 alqueires, nós não temos lavoura aqui porque temos terreno lá nos paióis onde plantamos e no inverno levamos as vacas para o pasto [...] (Faxinalense B, Faxinal dos Ribeiros, entrevista cedida aos autores em setembro de 2019).

Nesse criadouro menor, nota-se a presença da cerca com quatro fios de arames entre as propriedades, que, todavia, não impede a circulação de animais miúdos e graúdos. Ela está ali para lembrar as divisas entre as propriedades particulares que compõem o criadouro e para que, por exemplo, durante a retirada da erva-mate, não se avance para a outra propriedade. Nos limites do criadouro, a cerca é feita, parte com sete fios de arame e parte de tela, nos primeiros metros, próximo ao solo, para impedir a saída dos animais para as lavouras dos vizinhos e, conseqüentemente, evitar conflitos. Para aqueles que ainda possuem as terras de plantar, a área de faxinal é destinada, em sua maior parte, para a criação animal e extração da erva mate, porém encontram-se algumas áreas de lavouras menores, cercadas com tela, dentro dos faxinais.

O Faxinal São Roquinho

O Faxinal São Roquinho (Figura 5) está distante 45 km da sede do município de Pinhão e destaca-se na sua organização social e na preservação do Sistema Faxinal. Ali vivem 34 famílias. Se no Faxinal dos Ribeiros vê-se uma desmobilização social, no São Roquinho, a mobilização social é evidente na luta pela permanência na terra e preservação do seu modo de vida. A história desse faxinal confunde-se com muitas outras dos povos de faxinais de Pinhão e está relacionada ao processo de desapropriação dos seus territórios e posterior domínio da madeireira Zattar, cujo objetivo era expulsar os povos tradicionais das suas terras, e é marcada, sobretudo, pela retomada dos territórios tradicionalmente ocupados.

Figura 5: Paisagem da entrada do Faxinal São Roquinho.

Fonte: Os autores (2020).

Esse processo de retomada é bastante marcante. Algumas famílias resistiram ao processo de domínio da madeireira Zattar e permaneceram na terra, mas, para poderem continuar vivendo ali, foram obrigadas a assinarem contratos, que incluíam a permanência na terra por algum período de tempo, bem como a possibilidade de criação de alguns animais. As famílias que não aderiram à assinatura dos contratos foram expulsas.

Durante as entrevistas, quando questionados sobre a origem de alguns faxinalenses, foram relatados casos daqueles nascidos e criados ali mesmo, e aqueles oriundos de outros faxinais próximos, mas que estão em processos de desintegração, como o Faxinal dos Coutos. O faxinalense E (entrevista em julho de 2018) relatou que sua vinda para o São Roquinho é relativamente recente e faz parte do processo de retomada das antigas áreas que foram dominadas pela madeireira Zattar:

[...] me chamaram aqui, daí achei boa a ideia, já queria ver o mato protegido [...] eu morava no faxinal mesmo, mas o nosso faxinal já estava se indo, virando campo, era ali nos Coutos, perto do orelhão. Você passou por lá para vir pra cá, daqui não dá nem meia hora de caminhada até lá, mas acabou lá, daí viemos pra cá, fizemos um barraco bem aí na frente e estamos até agora aqui, mas agora na casa [...] (Faxinalense E, Faxinal São Roquinho, entrevista cedida aos autores em julho de 2018).

Observa-se que o processo de reterritorialização deu-se pelas circulações que transformaram o uso da terra no Faxinal dos Coutos, de onde era oriundo o faxinalense E.

Esse processo está relacionado à dinâmica de construir, reconstruir, reelaborar e redefinir um território já existente, com suas territorialidades específicas, ambiental e culturalmente, que passou por processos de desterritorialização que criaram novos territórios, dentro de um mesmo território (HAESBAERT, 2004).

Dessa forma, ressalta-se que, nesse caso, o processo de ocupação tradicional não está no tempo, mas no modo de ocupação (ACSELRAD, 2010), que é em sistema faxinal. O faxinalense E relata que foi para o São Roquinho porque lá se produz tudo, de forma orgânica, com sementes crioulas e, se migrasse para a cidade de Pinhão, não restaria opção a não ser trabalhar de forma precária e ir morar na periferia, onde a família passaria por dificuldades e perderia a qualidade de vida. Já outro faxinalense relata a sua vinda para São Roquinho da seguinte forma:

Eu vim pra cá, na verdade foi um irmão meu que ajudou [...] Um dia ele falou assim pra mim: compadre, por que o senhor não entra junto com aquela turma do São Roquinho? É mais fácil dá certo aquele do que os nossos pra cá [...] Eu trabalhava no terreno do pai dela lá em baixo, no São Pedro, daí eu comecei a vim aqui nas reuniões pra eles poderem me aprovar, por que era assim, tinha que mostrar serviço pra ser aprovado. Aí eu vim e fiquei na casa de uma prima minha aqui [...] Meus avôs já eram daqui, mais tiveram que sair de tanto a Zattar atentar, daí nós voltamos pro lugar que é nosso [...] (Faxinalense F, Faxinal São Roquinho, entrevista cedida aos autores em julho de 2019).

Portanto, muitos daqueles que realizaram o processo de reterritorialização do Faxinal São Roquinho tinham um laço estabelecido com o território e a volta para o local fez parte de da retomada das terras que eram tradicionalmente ocupadas por seus pais, avós e por eles mesmos. Muitos estavam vivendo como posseiros fora da área do Faxinal, ou estavam acampados em outras áreas documentadas em nome da Zattar, aguardando o processo de reforma agrária.

Outro elemento importante no Faxinal São Roquinho é a ausência de lotes individuais, ou seja, todo o território do faxinal é de uso comunitário, sendo observadas algumas regras específicas. Isso se deve ao fato de esse modo de ocupação levar em consideração a preservação de um modo tradicional de vida em consórcio com a natureza, mas é também uma estratégia política de regularização fundiária, uma vez que as áreas são de domínio de floresta com araucária e de outras inúmeras espécies ameaçadas de extinção, como imbuías e xaxins, ou seja, áreas que dificilmente seriam aprovadas para realização de assentamentos do modelo tradicional de reforma agrária.

Esse é um dos fatos que explicam o “renascimento deste faxinal”, uma vez que, no levantamento realizado em 2004, identificaram-se apenas três famílias e assim Marques (2004) caracterizou-o como um faxinal de muita pobreza, pois as famílias usufruíam de

pequenas áreas de terras e suas rendas eram baixas, provenientes basicamente de venda de pequenas quantidades de feijão e milho, com pessoas simples e retraídas.

Essa realidade mudou. Embora muitas casas sejam relativamente simples, é notável a qualidade de vida, a grande quantidade de alimentos plantados com qualidade e de forma orgânica, as fontes de renda aumentaram e os habitantes gozam de uma qualidade de vida e organização social invejáveis, que servem de modelo para outras comunidades faxinalenses. No São Roquinho, a formação política dos faxinalenses é notável em seus discursos sobre a importância do trabalho coletivo, da preservação da floresta, dos acordos comunitários e da importância das políticas públicas específicas para eles.

Esse faxinal possui uma área de aproximadamente 1450 hectares (aproximadamente 600 alqueires paulistas), sendo 1427 (aproximadamente 590 alqueires paulistas) destinados ao criadouro comunitário e 23 hectares (aproximadamente 10 alqueires paulistas) para lavouras comunitárias. Dentro do criadouro comunitário, de maneira geral, é permitido o fechamento de sete hectares (aproximadamente três alqueires paulistas) por família, que devem ser medidos em mutirão, a criação de animais à solta, com restrição na quantidade e a proibição de cabritos, bem como de pessoas externas ao faxinal possuírem animais dentro do criadouro. Ainda, é proibido o desmatamento, a aplicação de agrotóxico, plantação de transgênicos e espécies exóticas, além da entrada de novas famílias e o retorno daquelas que, por algum motivo, saíram do faxinal.

Além disso, cada faxinalense possui sua roça, seu “quadro individual”, onde desenvolve a atividade que deseja. A localização da área de cultura varia entre eles. Alguns possuem áreas mais próximas do criadouro, outros, mais distantes, podendo chegar a até 5km, ou, como se prefere falar, “uma hora e meia no lombo do cavalo”.

Na lavoura comunitária ou mecanizada, cada faxinalense tem seu “quadro”, onde planta milho, feijão, abóbora. Segundo relatos obtidos em entrevista, a lavoura comunitária era cultivada de forma coletiva, e as atividades desenvolvidas em forma de mutirão (plantio, limpeza, colheita), mas, ao longo do tempo, deixou de acontecer devido a alguns problemas internos:

[...] lá era comunitária, mas agora a maior parte tem seu pedaço, e daí cada um tem um pedaço na terra de cultura, onde planta também [...] não é todo mundo que tem lavoura ali, tem uns que só lidam nas roças [...] As lavouras mecanizadas é tudo fechado, cada um tem seu pedaço, dividido por estaquinhos de imbuia. Plantamos milho, abóbora, batata-doce. Feijão é lá nas culturas. Aqui nas lavouras precisa de muito remédio pra terra, e lá na cultura não precisa. Já tiramos 267 cargueiros de milho daí [...] Mas daí tinha gente que não gostava muito do trabalho comunitário, então decidimos separar os quadros e cada um cuida do seu [...] (Faxinalense F, Faxinal São Roquinho, entrevista cedida aos autores em julho de 2019).

A falta de participação de alguns membros nos trabalhos comunitários levou à divisão da lavoura comunitária, que continua sem cercas e, entre alguns, ainda com trabalho colaborativo, embora cada um produza de forma individual. O trabalho colaborativo, ou os puxirões, é um dos pilares da organização social dos povos de faxinais. Em São Roquinho, todas as atividades dentro do criadouro comunitário são desenvolvidas de forma comunitária:

A gestão é feita em grupo, quando surge algo irregular vamos todos nós, não vai só um. E quando vamos trabalhar, também não fica sozinho trabalhando, quando sai um sai tudo, o trabalho é em mutirão todo o sábado [...] Só não tem mutirão sábado no dia que tem missa. O mutirão é para fazer as cercas, para fechar o território, para fazer as limpezas das cercas, fazer acerca das lavouras e que agora está tudo fechado. (Faxinalense G, Faxinal São Roquinho, entrevista cedida aos autores em julho de 2018).

A atividade de puxirão envolve todos os membros do faxinal, inclusive as mulheres, que participam arrumando cercas, roçando e desenvolvendo as mais diversas atividades juntamente com os homens. Os membros da comunidade (ou associação, como costumam chamar) que não podem participar devem enviar alguém em seu lugar e, se não encontrarem ninguém, devem pagar o valor de um dia de serviço.

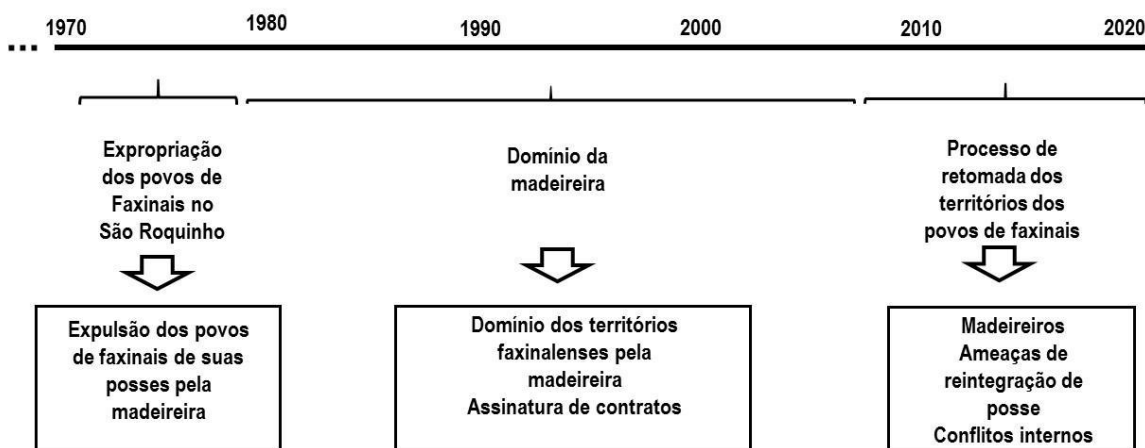
Apesar de todas essas especificidades e organização, os conflitos (Figura 6) também ocorrem ali. Historicamente, a madeireira Zattar expropriou os faxinalenses de suas terras e também agia por meio de seus guardas a fim de intimidá-los:

[...] Quando começamos a tirar a primeira erva daqui, o guarda não queria que nós tirasse, dizia que era da firma. Daí, nós fomos falar com ele que ia tirar a erva, ele falou que não era pra tirar que ele ia avisar o Miguel Zattar, daí eu falei se tem outros assentamentos que tiram a erva, nós vamos tirar [...] Daí ele falou não tirem que eu vou avisar o Miguel, essa erva ta pra ser tirada semana que vem, na segunda feira e vocês não passem do mata-burro pra cá [...] Mas nós fomos lá em 40 pessoas e falamos tal dia do mês de agosto vamos começara a tirar a erva [...] Sei que tiremos, até que um dia a mulher dele embrabeceu e disse que ele tinha direito a 10 alqueires de terra em roda da casa [...] Só respondemos: - Direito de que jeito, vocês não quiseram entrar com os faxinalenses!. Daí ela foi ligar e passou perto de nós e deu uns coices nuns galhos de erva e disse: - Eu vou ligar pra polícia vim tirar vocês! [...] Nós nem ligamos e continuamos a podar erva, uns podavam, outros picavam, isso foi numa segunda, quando foi quarta feira nós pinchamos a guardinha [...] (Faxinalense H, Faxinal São Roquinho, entrevista cedida aos autores em julho de 2019).

Nota-se que a madeireira, já com seu quadro de jagunços reduzidos e falida, ainda agia de maneira a impedir a realização de atividades tradicionais naquela comunidade, como é o caso da poda e coleta da erva-mate, e tentava intimidá-los, porém, como estavam organizados, conseguiram colher a erva e, na sequência, expulsar o jagunço (guardinha) da

área de faxinal. Esse jagunço morava em uma casa da madeireira, instalada dentro do faxinal com o objetivo de controlar as atividades tradicionais. Essas casas compunham a paisagem rural de Pinhão, eram as famosas casas do Zattar, em tons de amarelo, com beirais marrons. Elas estavam ali para lembrar o domínio da empresa e a presença de seus guardas, que agiam, via de regra, com truculência e intimidações.

Figura 6: Conflitos no Faxinal São Roquinho.



Organização: Os autores (2022).

No âmbito interno, os conflitos ocorrem com aqueles que tentam burlar o acordo comunitário e realizar atividades proibidas, como a retirada de madeira, ou atentam contra a vida de animais, tentam desestabilizar a vivência comunitária, conforme expresso no trecho de entrevista a seguir:

O único problema é essa mulher aí, é o único conflito que tem, pois ela corta e pincha, eu já digo veneno, pois é pessegueiro bravo. Pra vaca é veneno, ela cortou e jogou pra vaca do vizinho comer e morrer. Ela tem um piquetinho e agora tem uma cerca nova, não viu a cerca nova? Aquela cerca nova perto do barracão foi feita por causa desse enguiço. E já saiu um faxinalense daqui por causa dela [...] Vai ele e tira a fechadura de uma porta do barracão que ela tinha a chave, e ela não gostou e já deu um rolo [...] ele ficou com medo porque eles andaram ameaçando ele [...] daí ele pegou e saiu, mas outros problemas não tem é só com ela mesmo [...] (Faxinalense I, Faxinal São Roquinho, entrevista cedida aos autores em julho de 2019).

Os conflitos internos sempre existiram ali, porém, eram resolvidos de forma harmoniosa. Os conflitos atuais envolvem ameaças e matança de animais, gerando problemas que levam algumas famílias a se retirarem dali, principalmente no município de Pinhão, que tem sua história marcada pelos inúmeros relatos de violência entre as pessoas.

Na maioria dos casos, os conflitos atuais ocorrem com pessoas oriundas de fora do faxinal, ou que não possuíam vínculos anteriores com o território, como é do caso relatado em São Roquinho, em que a pessoa, oriunda de outro município e sem identidade com aquele modo de vida, chegou depois, foi acolhida pela comunidade, mas logo começou a discordar dos acordos, especificamente daqueles que abrangem o trabalho comunitário e a divisão do valor obtido com a retirada da erva-mate.

Circulação e Iconografias dos povos de faxinais, em Pinhão- PR

O autorreconhecimento do Faxinal São Roquinho contribuiu para estratégias de resistência na terra. Além disso, por meio da legislação específica para povos e comunidades tradicionais e a implantação de políticas públicas estaduais voltadas para os faxinais, que, em Pinhão, deu-se a partir do cadastramento dessas terras como Área Especial de Uso Regulamentado - ARESUR, esse faxinal passou a receber recursos oriundos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços - ICMS-Ecológico, que devem ser aplicados diretamente na compra de telas para o cercamento do criadouro comunitário, de calcário para correção dos solos nas áreas de plantar, de equipamentos agrícolas. Tais processos contribuíram para a permanência na terra.

Essas resistências coletivas por meio da organização em movimento social só são possíveis devido as resistências cotidianas e a busca e redescoberta das iconografias faxinalenses, fortalecendo sua identidade. Após trabalho da Articulação Puxirão Faxinalense - APF junto aos Faxinais de Pinhão, houve uma redescoberta do *ser faxinalense*. Essa palavra era praticamente inexistente no vocabulário local. Quando perguntados como se identificavam, os moradores remetiam a outras denominações, como agricultor familiar, posseiro, sem-terra, lavrador, boia-fria.

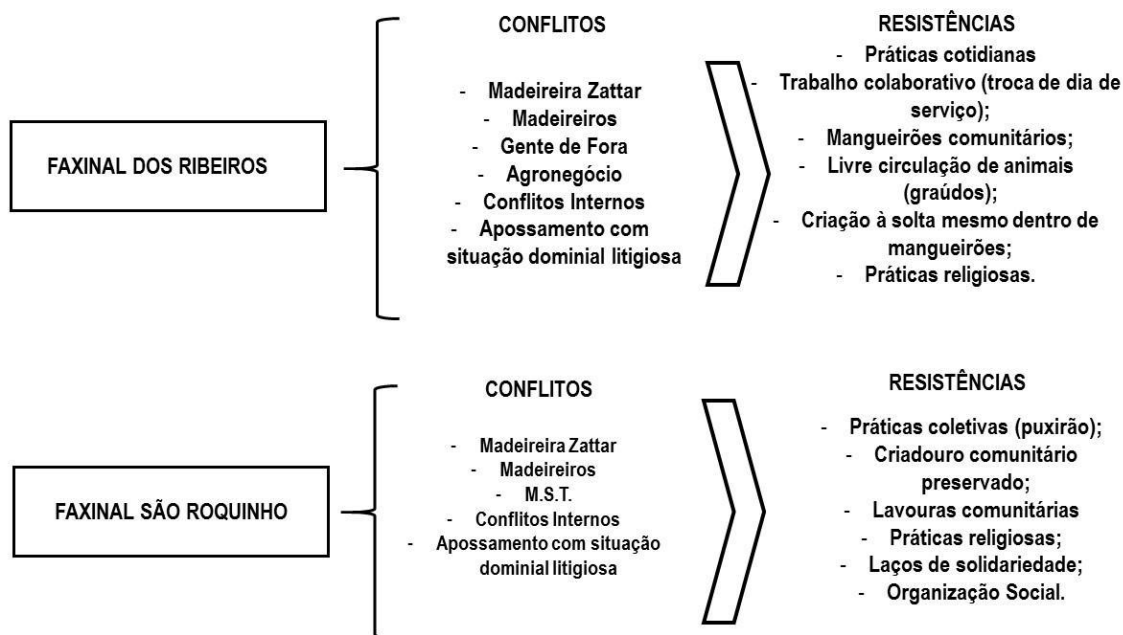
Atualmente, nos faxinais organizados politicamente, não hesitam em responder que são faxinalenses. Nesse caso, o fato de a comunidade assumir a identidade de faxinalense já reforça a identidade do grupo, que pode reafirmar as suas iconografias. Entretanto, é importante citar que tanto a iconografia como a circulação são usadas, nos faxinais, como procedimento de análise e seria aplicável independentemente de o grupo assumir tal identidade.

Uma das principais características desse autorreconhecimento está relacionada ao modo de vida, às práticas cotidianas e ao modo de produção, principalmente da criação de porcos à solta, da agricultura de sustento, dos saberes e fazeres. Dessa forma, a resistência coletiva passa pelas resistências cotidianas, que evocam as iconografias faxinalenses. Essas iconografias são expressas no modo de vida e, notadamente, nas práticas cotidianas,

como no trato e no cuidado com os animais, nas roçadas, na alimentação, nas práticas religiosas populares.

Porém, cada faxinal é um território diferente do outro, com características próprias, seja nas circulações, conflitos, ou nas resistências e iconografias. Assim, os conflitos e resistências nos Faxinais de Pinhão podem ser sintetizados na Figura 7.

Figura 7: Síntese das circulações e iconografias nos faxinais de Pinhão.



Organização: Os autores (2022).

As circulações estabelecem novos padrões territoriais, que caracterizam a dinamicidade do sistema perante os processos transformadores. O território faxinalense é composto historicamente por duas áreas: as terras de plantar (cultura ou tiguera) e os faxinais, ou criadouro. O binômio terra de plantar/terra de criar é fundamental para esses territórios, porém, não são todos os povos de faxinais que ainda possuem terras de plantar, o que não significa o fim do sistema.

Os territórios de faxinais diferenciam-se sobretudo na paisagem. Por exemplo, ao sair da sede do Município de Pinhão em direção ao Faxinal São Roquinho, tem-se uma paisagem monótona de campos naturais, que hoje são cultivados com soja e milho. Nesse trecho, de aproximadamente 18 km de campos, não se vê muitas casas, é um território do agronegócio, sem a presença humana. De longe, avista-se um imenso paredão verde, formado pelos estratos da floresta com araucária. Aproximando-se de São Roque, logo se adentra a área de floresta e vão aparecendo elementos que denotam território com a presença dos povos de faxinais.

Depois de São Roque, chega-se ao Faxinal dos Coutos e, em seguida, ao Água Amarela. Na paisagem predomina a floresta. Em alguns pontos, é possível observar

bandeiras do MST em áreas ocupadas, formando alguns acampamentos dentro da floresta. Nesse percurso, é comum encontrar pessoas levando o gado para as pastagens nas áreas de paiol. Em seguida, chega-se ao mata-burro, que indica a entrada no Faxinal São Roquinho.

Ao se adentrar num território de faxinal, outros elementos marcam a paisagem:

1 - A estrada principal marca sua entrada e saída. Geralmente, elas “cortam” os faxinais de uma extremidade a outra e é onde se encontram os mata-burros, que indicam os limites desse território (entrada e saída). Ao longo dessas estradas, encontram-se portões (porteiros), que também indicam a presença de faxinais. Tanto os mata-burros como os portões têm por objetivo impedir a saída dos animais da área.

2 - As estradas secundárias ligam as casas e propriedades dos faxinalenses à estrada principal. As casas ficam dispersas e, geralmente, encontram-se em áreas descampadas, a uma certa distância da floresta. Próximo às casas, encontram-se as mangueiras, os galinheiros, estrebarias, paióis, também chamados de cozinhas de chão (pequenas casas de madeiras, metade com assoalho e metade de chão batido), onde se guardam os instrumentos de trabalho, alguns produtos colhidos, o milho que é dado aos animais todas as manhãs, o sal mineral. Em muitas dessas cozinhas, faz-se fogo na parte de chão para o cozimento da comida dos cachorros. Nesse espaço também se “aquece” (aquece) no inverno e se toma o chimarrão, em volta do fogo. É nesse momento que se contam muitos causos de São João Maria e Pedro Malazartes. Esse é um momento importante de resgate das iconografias. As estradas secundárias cortam as invernadas, que são as áreas de florestas dentro do faxinal, onde os animais circulam e pastam, bem como se encontram banhados, sangas, arroios e tanques. É nas invernadas que se tira a erva-mate e se coleta o pinhão.

Outros elementos estranhos aos faxinais vão aparecendo, como é o caso de lavouras, via de regra, cercadas com sete fios de arame, ou telas, para impedirem a entrada de animais que continuam à solta. Essa realidade tende a ser modificada quando se estabelecem mangueirões, principalmente para a criação de animais miúdos, que são de mais difícil vedação. Esses mangueirões apresentam tamanhos variados e seu estabelecimento também varia dentro do próprio faxinal, podendo ser de um determinado grupo familiar, de um grupo de vizinhos. Dentro dos mangueirões, circulam livremente animais miúdos e graúdos.

Souza (2009), expondo as territorialidades dos faxinais do Paraná, divide-as em duas: aquelas onde permanece o uso comum, mesmo havendo restrições de acesso ao movimento de animais, e as sem uso comum. O autor ainda lembra que a predominância de

uma posição não exclui a existência combinada de outras em um único faxinal, pois elas são situacionais e manifestam as condições de existência em determinado período de tempo.

Discordando do referido autor quanto aos faxinais sem uso comum, encontram-se em Faxinal dos Ribeiros mangueirões de uso comum, ou seja, novas territorialidades dentro dos faxinais. Ali, num primeiro momento, esse sistema parece não existir, todavia, ocorre, muitas vezes, sem restrições de quantidade e espécies de animais que podem ser criados, ou seja, a tradicionalidade de criar os animais à solta se mantém, dentro das possibilidades de cada faxinal.

Dessa forma, ao analisar os faxinais de Pinhão, considerando que esses territórios são dinâmicos e que essa dinamicidade é alterada pela circulação, encontram-se diferentes territorialidades, intrínsecas umas às outras e que se confundem: os *faxinais com criador comum aberto* (Quadro 1), muitas vezes, confundem-se com os *faxinais com criador comum cercado* (Quadro 2), como é o caso do Faxinal São Roquinho. O criador comum, que era totalmente aberto, está nas últimas fases de cercamento total, nesse caso de tela. O cercamento ocorre para que os animais não saiam da área de criadouro comunitário e entrem em lavouras nas proximidades, gerando conflitos e danos, bem como para preservá-los. Nesse caso, os povos de faxinais buscam, por meio do trabalho colaborativo dos puxirões, delimitar e cercar a área de criadouro comunitário, tarefa que não é fácil, uma vez que possuem grandes extensões territoriais, além de que o cercamento envolve manutenção periódica

Quadro 1: Características dos Faxinais com criador comum aberto.

Faxinais criador comum aberto	
Tamanho	Grandes extensões territoriais (acima de 1000 ha)
Características	Criadouro aberto em grandes extensões
Criações	Graúdas e miúdas circulam livremente em ambiente de floresta
Conflitos	Madeireiras, áreas de apossamento com situação dominial litigiosa entre os povos de faxinais e empresas madeireiras, desmatamento florestal para produção de carvão e serrarias, assim como para plantio dos monocultivos.

Organização: Os autores (2022).

Quadro 2: Características dos Faxinais com criador comum cercado.

Faxinais criador comum cercado	
Tamanho	Variados

Características	Criadouro cercado, sendo delimitados fisicamente por cercas de uso comum, “mata-burros”, portões, valos e rios.
Criações	Graúdas e miúdas circulam livremente em ambiente de floresta
Conflitos	Manutenção das dimensões do criadouro, áreas de apossamento com situação dominial litigiosa entre os povos de faxinais e empresas madeireiras, desmatamento florestal e conflitos internos.

Organização: Os Autores (2022).

Os conflitos são comuns em ambos, principalmente no que diz respeito à manutenção do tamanho do criadouro comunitário e às atividades que podem ser desenvolvidas no seu interior, o que inclui, por exemplo, a retirada de materiais madeireiros. A quantidade de animais que podem ser criados também pode causar conflitos, principalmente quando se ultrapassa o limite permitido.

Quanto aos mangueirões, são delimitados com cercas de sete fios de arame, desde a base até um metro de altura, em média, e objetivam a contenção dos animais. Todavia, podem-se encontrar em seu interior cercas de quatro fios, que permitem a livre circulação dos animais daqueles que escolheram o cercamento de uma área menor como forma de preservar a prática de criação à solta.

Para se impedir o desmatamento nesses faxinais, é proibida a queima de carvão (processo que envolve o desmatamento, corte e queima das árvores), ou seja, não pode haver fornos de carvão dentro desses territórios. Também é proibido plantar espécies exóticas, com o intuito de impedir o avanço dos monocultivos, principalmente do pinus.

A maioria dos faxinais de Pinhão enquadra-se em duas situações (Quadros 3 e 4). São de criadores de animais de grande porte e faxinais com mangueirões e potreiras, como é o caso do Faxinal do Ribeiros, Faxinal dos Silvérios, Faxinal dos Coutos, São Roque, Água Amarela e Faxinal dos Ferreiras, ou seja, a maneira de criar animais à solta foi mantida, na medida do possível, e adaptada a situações em que era possível manter criadouros comunitários de tamanho menor.

Quadro 3: Características dos Faxinais com criador de grande porte.

Faxinais criador de grande porte (Graúdas)	
Tamanho	Variados
Características	Divisa entre as propriedades com cercas quatro fios de arame entre algumas ou todas propriedades, antes destinadas para o uso do “criador comum”, lavouras cercadas dentro da área de faxinal.
Criações	Restrita à circulação das graúdas em ambientes de floresta, enquanto as miúdas são mantidas em mangueirões e têm circulação entre as propriedades limitada a determinadas épocas do ano.

Conflitos	Chacreiros, agronegócio (soja), manutenção da criação à solta, áreas de apossamento com situação dominial litigiosa entre os povos de faxinais e empresas madeireiras, desmatamento florestal, conflitos internos, conflitos e tensões provocados por “gente de fora”.
-----------	--

Organização: Os autores (2022).

As cercas de quatro fios entre as propriedades visam delimitar a propriedade de cada faxinalense, porém encontram-se colchetes entre essas propriedades, que permitem a circulação dos animais de grande porte. Os animais à solta, como porcos, têm livre circulação, uma vez que as cercas não impedem sua passagem. Porém, em algumas épocas do ano (época em que há plantas nas lavouras) os animais são confinados em mangueirões menores e liberados, por exemplo, após a colheita, em época de pinhão (de março a julho) e de gabioba, fruto e semente que encontram facilmente, tornando o período conhecido como de “porcos gordos”.

Quadro 4: Características dos Faxinais com mangueirões e potreiros.

Faxinais com mangueirões e potreiros	
Tamanho	Variados
Características	Fechamento e criação de mangueirões e potreiros
Criações	Restritas a mangueirões e potreiros e algumas criações graúdas em ambiente de floresta
Conflitos	Chacreiros, agronegócio (soja), manutenção da criação à solta, áreas de apossamento com situação dominial litigiosa entre os povos de faxinais e empresas madeireiras, desmatamento florestal, conflitos internos, conflitos e tensões, provocados por “gente de fora”.

Organização: Os autores (2022)

O estabelecimento de mangueirões e potreiros foi a maneira encontrada para preservar a prática de criação animal à solta e tem permitido manter a tradicionalidade desenvolvida nos últimos séculos. Existe um pensamento popular, muito comum nos faxinais de Pinhão: “os animais não foram feitos para ficar fechados, foram feitos para serem livres. Um animal fechado não se desenvolve, fica feio”, por isso a insistência em continuar criando animais à solta, porcos em especial.

Embora os faxinais passem por mudanças no âmbito territorial, muitas das iconografias são resgatadas no intuito de manter a tradicionalidade desses povos. Muitas práticas comuns no passado permanecem no presente, com crescente adesão de jovens, como preservar alimentos em banha e o retorno do consumo desse produto, a criação de animais à solta, os hábitos alimentares baseados em derivados do milho (farinha, quirera, canjica), além de atividades religiosas populares, como mesadas de anjo, festas do divino, novenas, rezas aos santos, as devoções e os rituais de cura.

Considerações finais

A proposta deste trabalho foi demonstrar como os territórios de faxinais têm adquirido novos padrões territoriais dentro de um cenário de conflitos (circulações), que levou ao desenvolvimento de inúmeras formas de existência desses povos, a partir do resgate de suas iconografias. Também objetivou evidenciar que a alteração de alguns elementos não significa o fim do sistema, mas uma nova forma de reorganização dos territórios, diante das mais diversas formas de circulações que alteram sua dinâmica.

Assim, entende-se que as geo-grafias dos faxinais, ou seja, o ato de geo-grafar, ocupar, viver, existir, manter seu modo de vida, o direito à diferença, são dinâmicas. As territorialidades são constantemente transformadas e adaptadas à realidade de cada território, resignificando os espaços com iconografias que grafam, marcam a paisagem e o território, reinventando-se continuamente.

Com isso, compreende-se que os faxinais são dinâmicos e que reorganizam suas práticas diante de processos transformadores de seus territórios. Longe de fada-los ao desaparecimento, essa capacidade de adaptação leva-os a diferentes formas de reinvenções, expressas em novas territorialidades, como mangueirões, potreiros, criadores menores, lavouras comunitárias, etc.

É fundamental refletir com essas comunidades sobre suas perspectivas de futuro, seus projetos, anseios, dúvidas e incertezas. Para isso, é necessário o reconhecimento dos territórios tradicionalmente ocupados por povos de faxinais em Pinhão, por meio de estudos antropológicos e geográficos, que visem identificar a dispersão desses povos pelas inúmeras comunidades rurais do município.

Para tanto, é preciso considerar as suas territorialidades, como as terras de plantar e as áreas de faxinal, ou seja, dois espaços que, juntos, formam o sistema faxinal. Mas também há que se considerar que, em alguns casos, muitos faxinalenses não possuem mais as terras de plantar, desenvolvendo essas atividades dentro dos próprios faxinais, com as possibilidades que lhe são permitidas. Entender que cada território faxinalense é único e, mesmo dentro de um mesmo município, como em Pinhão, existem diferenças, porém, muito mais semelhanças, principalmente no desenvolvimento das atividades tradicionais, como a agricultura de sustento, a criação de animais à solta, o extrativismo da erva-mate e do pinhão. Por isso, não se encontram territórios bem definidos, uma vez que as territorialidades se entrelaçam e se manifestam espacialmente em diferentes padrões territoriais.

Portanto, reconhecer os territórios de faxinais em Pinhão é garantir-lhes o direito de decidir e planejar o seu futuro e de buscar diferentes formas de geração de renda. Isso se

dará por meio do incentivo a atividades econômicas variadas, que preservem o modo de vida tradicional e, sobretudo, passem por políticas fundiárias que garantam a permanência em seus territórios.

Referências

ACSELRAD, H. Mapeamentos, identidades e territórios. In: ACSELRAD, H.. **Cartografia social e dinâmicas territoriais: Marcos para o debate**. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, pp. 9-45, 2010.

AYOUB, D. B. **Madeira sem lei: jagunços, posseiros e madeireiros em um conflito fundiário no interior do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) –Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

AYOUB, D. S. **Entre Jagunços e Valentos: Família, terra e violência no interior do Paraná**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

BOULINEAU, E. Jean Gottmann, la politique des ètats et leur géographie. In: **Géocarrefour**, v. 83, n1, pp. 2008.

CIGOLINI, A. A.; SILVA, M. Comunidades remanescentes quilombolas: iconografias e circulações na comunidade da Restinga – Lapa-Pr, Brasil. **Revista Geografar..** Curitiba, v.13, n. 1, pp. 98-118, jan./jul., 2018.

GOTTMANN, J. A. evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v.2, n.3, pp.523-545, 1975 (2012).

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do fim do fim dos Territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Cadernos Municipais**: Pinhão. Curitiba, 2023.

MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná**. Guarapuava, 2004. 192 p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná.

MUSCARÀ, L. A Heurística de Jean Gottmann: um dispositivo psicossomático. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.) **Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. São Paulo: 1ª ed., Expressão Popular, 2008, pp. 37-55.

NETO, J. S. O direito dos povos dos Faxinais. In: ALMEIDA. A.W.B.. SOUZA.R.M.(orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, 2009, p. 17-28.

OLESKO, G. F. **Terra, Território e Autonomia nas Comunidades Faxinalenses do Espigão das Antas, Meleiro e Pedra Preta (Mandirituba-PR): Conflitos e Resistências na Luta pela Vida**. Dissertação (Mestrado Geografia), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2013.

PESSÔA, V .L. S. Geografia e Pesquisa Qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERL**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 23, v. 1, p. 4-18, 2012.

PORTO, L. L. **Reapropriação da Tradição**. Um estudo sobre a festa de N. Sra. Do Rosário de Chapada do Norte/MG. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

PORTO, L. Uma Reflexão sobre os faxinais: meio-ambiente, sistema produtivo, identidades políticas, formas tradicionais de ser e viver. In: PORTO, L.; SALLES, J. O.; MARQUES, S.M.S. (orgs.). **Memórias dos povos do campo no Paraná-Centro-Sul**. Curitiba: ITCG, 2013. P. 59-79.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; VIEIRA, N. F. C. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na área da saúde. **Revista Enferm - UERJ**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 276-283, 2007

SAHR, C. L. L. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. In: **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008. p. 213-226.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SOUZA, R. M. Mapeamento Social dos Faxinais do Paraná. In: ALMEIDA, A. W. B. SOUZA, R. M. (Orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), 2009. p. 29-88.

Sobre os autores

Reginaldo de Lima Correia – Licenciado em Geografia, Mestre em Geografia. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor colaborador na Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória. **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0003-1528-052X>.

Adilar Antonio Cigolini – Graduado e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professor no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). **OrCID** – <https://orcid.org/0000-0003-4774-5336>.

Como citar este artigo

CORREIA, Reginaldo de Lima; CIGOLINI, Adilar Antonio. Territórios faxinalenses em Pinhão-PR: Uma análise a partir das Transformações e resistências. **Revista NERA**, v. 26, n. 66, p.151-178, mai.-ago., 2023.

Declaração de Contribuição Individual

Declaramos para os devidos fins, que as contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos autores: **Reginaldo de Lima Correia** e **Adilar Antonio Cigolini**. As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em dupla. Os autores também construíram em conjunto o desenvolvimento teórico-conceitual, a análise, interpretação e sistematização das informações coletadas e os procedimentos técnicos e tradução do artigo. De maneira especial, o autor **Reginaldo de Lima Correia**, coletou as informações por meio das entrevistas e narrativas, e o autor **Adilar Cigolini** foi responsável pela leitura crítica e revisão final do artigo.

Recebido para publicação em 02 de novembro de 2022.
Devolvido para a revisão em 13 de março de 2023.
Aceito para publicação em 29 de junho de 2023.
